

COMO PRATICAR O TERROR COM UMA TESOURA

HOW TO PRACTICE TERROR WITH SCISSORS

Nelson d!Paula¹

Resumo

Com tristeza, admito que não mais creio colocar janelas, através dos pixels. O meio digital tem como efeito colateral, o paradoxo da veneziana: não há contato imediato. Porém, isso acrescenta ainda maior componente erótico à arte assim produzida, alçada à condição de voyeur delirante, sempre à procura de uma fresta melhor. Palavras-chave: collage, poesia, surrealismo.

Abstract

With sadness, I admit that I no longer believe in placing windows through pixels. The digital medium has the side effect of the shutter paradox: there is no immediate contact. However, this adds an even greater erotic component to the art thus produced, elevated to the condition of a delirious voyeur, always looking for a better silver lining.
Keywords: collage, poetry, surrealism.

01. A libertação da sombra

Faça como Peter Pan: liberte a sua sombra.
É muito simples, escolha uma tesoura com pouco corte, para deixar rebarbas. Pegue um candelabro italiano, apropriado para sombras na parede. Fique de pé na frente dele. Apague todas as outras luzes. E corte o bem pela raiz, bem junto da sola do pé. Pronto, não tem mais volta. Deixe ela rodar feliz pelo teto. Logo vão parar as piruetas. E ficar evidente a dualidade de ponto de vista.

02. Observe a rebarba

Antes, porém, observe a rebarba. Normalmente fica um pouco nos sapatos e outro tanto na parede. Em ambos se esconde a hiper-realidade, enquanto aberração transgênica do ego. Não há como traduzir a sutil imanência dos fiapos dos recortes. É coisa de linguagem druídica, resmungada pelas gargantas infames dos escravos hierofantes, já totalmente saturados de tanto mentir oráculos. Basta tocar, com a ponta da língua de preferência, para sentir aquele serrilhado agridoce, comungando apenas pelos arcanos superiores.

03. Enquanto isso a sombra solta traques

Todo ato libertário tem um lado pervertido, no bom sentido. Por isso, rapidamente a sombra vai dali até os ambientes mais requintados, só para soltar traques pelos cantos, atraindo repelentes insetos, para desespero total das madames recém perfumadas. Cumpra-se assim a promessa das pragas, embutida no sonho fundamental do Terror, ferramental da Guerra Santa, tal como pregada desde a tábua redonda. Aliás, pregada chega ser um trocadilho de mal gosto.

04. O sonho pregado

O risco do sonho é ser capturado logo ao sair do forno e ser pregado na parede. Sombras são sonhos pregados nas paredes e no chão, pisoteados e chicoteados milênios a fio. Então, o recorte é um ato revolucionário. O aprendiz de feiticeiro que ousa fazê-lo é um terrorista, já que sombras libertas voltam a ser vespas incômodas nas orelhas dos incautos. Para cada picada, um calombo novo na consciência planetária. E ovos depositados.

¹ Poeta e colagista. Foi membro do Grupo Surrealista de São Paulo e é autor de diversos livros, incluindo: Collage, um testemunho fenomenológico. Como artista, participou de exposições nacionais e internacionais, incluindo a 14ª Bienal Internacional de São Paulo e a Bienal Nacional 76.

05. Bomba de vermes

Não há antídoto conhecido para picada de sombra.
A clausura parece ter sido uma vacina quase eficaz.
Mas, basta um vacilo, para as fezes dos bichinhos eclodirem.
Os vermes uma vez soltos no ar, viram ideias.
Sempre há um maluco, que monta com elas um catálogo.
E difunde a praga no éter, misturando heresias aos velhos ritos do bem e do mal.
Assim, o eco cósmico repercute até os deuses a infâmia legitimamente humana.

06. O homem é o diabo

A inocência não é coisa de Deus, é coisa do homem.
A liturgia do recorte, somente antecede a consagração do registro, reescrito conta tudo e contra todos.
Não há teto de igreja ou mesquita que resista ao crescimento desenfreado do pé de feijão regado a sangue e sêmen.
Colar é bruxaria. Incorporação benigna, apesar de utilizar o mal me quer como prenda.
Do outro lado do suporte, há sempre alguém. Ou, ao menos, esta é a esperança do realizador.
Humano, diabolicamente humano.

07. Bazuca prima

Sem medo de ser feliz, use de novo a tesoura, para recolher as secreções encontradas nas frestas do mundo.
Escolha pelo cheiro e pelo gosto.
Deposite em infinitos jardins.
Cuidado para não criar jaulas.
O suporte obrigatoriamente precisa ser fértil.
Não esqueça de colocar sempre no horizonte o objeto do desejo, seja a sombra da lua ou os próprios raios dela nas águas das cachoeiras.
Uma vez provocada as entranhas do Tempo se umedecem e aceitam todas as ereções, mesmo as mais modestas.
A mãe não é radical.

08. Arte é Jihad

Mas, a luta deve ser sempre intensa e sem tréguas.
Não dá para aceitar nenhum tipo de bandeira branca.
Colar é adentrar ao universo plurimórfico da jihad, onde o objetivo não é vencer, mas lutar e assim obter o seu quinhão de terra no paraíso.
Todo colador deveria ambicionar os seus camelos e virgens prometidas.
A tesoura, assim, é ferramenta de Priapo, ferro teso sobre os campos homogêneos regidos pela polaridade do espaço e do tempo, pronto para degolar as cabeças mais ou menos salientes, pelo simples prazer de ver o ouro ser manchado pelo sangue.

09. A topologia dos buracos

O mundo dos sonhos não é uma superfície plana, mas uma espécie de queijo esburacado pelos famintos ratos da noite.
Dada a sua característica ontológica tendendo ao Infinito, forma um conjunto de túneis, com diferentes texturas e rugas.
Aliás, as nuances são tão importantes que, muitas vezes, passam despercebidas ao visitante incauto, tolo viajante capaz de tropeçar no delírio de outro, sem dele tirar o menor proveito.

10. A equação sem incógnita

A ausência total de incógnita nem sempre é suportável pela razão crítica.
Não passa de falácia da exponencial negra, já que não provém diretamente das tábuas da lei.
Acidente das sucessivas revogações, já que o esforço, embora subversivo, continua muito mais próximo da eucaristia do que se pensa.
Violar é, quase sempre, antever. Premeditar a previsão não passa de farsa.
Por isso, o profeta se distancia do poeta, embora ambos sejam senhores do enunciado.
Colar os reaproxima. Surrealmente.

11. O vetor surreal

A arte de dominar os sonhos é muito antiga. Remonta aos primeiros feiticeiros.
Só que os milênios de intercâmbio entre os mundos paralelos, inflaram as velas das naus dos aventureiros, que se viram subitamente controladores dos sentidos amotinados.
E saltitaram pela prancha, com guelras de direito e asas adotadas, para namorar sereias e zombar das chibatadas de Netuno.

12. Assalto ao tesouro de netuno

Após o desastre da Torre da Babel, ficou muito mais fácil perceber que os céus tinham outras portas.
Netuno com o seu tridente bem que tentou, mas como conter uma legião de malucos tão impetuosos?
Acabou escorregando nas cascas de siri e entregou o ouro, ou melhor o cofre estourou as pernas e mostrou despidamente todo o seu interior, de madrepérolas levemente salgadas e humores quase pegajosos.
Era a cola adequada, para conferir vida ao vitral.

13. O vitral no começo do mundo

Pode tirar o escafandro. Deixe-se contaminar. Corte o dedo com vidro e escreva o juramento com sangue.
Não se surpreenda se for em azul.
A raiz das espécies não brota em solo fértil. Precisa de pedra, de concha dura das profundidades.
O zunido do cachalote é a voz encavernada das almas desgovernadas entre mundos.
Complete a cirurgia. Costure.
É a parte mais fácil.

14. A arte engajada não é encaixotada

A Arte engajada não é encaixotada. Não gosto dos limites e das definições conceituais. O sonho deve continuar sendo livre, para exercer seu poder instaurador de realidades. Adoto o viés surrealista para o meu trabalho apenas para ter a garantia do fio de Ariadne no retorno.

Tal caminho não me traz consequências, sua opulência não é um peso.

No entanto, não renego a estrela iniciática.

Confraria não faz mal nem aos anarquistas.

Explodir mundo não parece ser tarefa de um único ente.

Seria apenas doença.

Melhor, então, partilhar.

O que não significa conceder.

Condescender, talvez seja a prerrogativa, embora um pouco arrogante.

No fundo, tudo depende do tamanho dos desejos.

Prefiro acreditar mesmo na transmigração da alma, enquanto fluido libertário de prometeu, não mais acorrentado.

A bilis acabou por derreter os dentes dos corvos.

15. Apropriação dos nomes próprios

Cabe ao artesão a apropriação indébita do Nome, para arrancá-lo dos sumários irrelevantes, alçando o indivíduo ao plano da Ideia.

Sem aceitar a resenha como subterfúgio único do estado totalitário sobre a memória, proponha as hipérboles.

A Consciência não é um reservatório, embora com uma certa arrumação pode acabar ficando imune ao tempo.

A questão é o indivíduo, enquanto alma.

O céu pode vir a ser comunista.

Basta dar asas a todos.

O contrário é infâmia: não se mutila anjos para fazer revolução.

Esse foi o erro dos demônios.

É bom cair tentação. É possível redimir o Ser embutido na Nada.

A melancolia comprime a Inércia.

O beijo eclode, tal como as flatulências.

A abelha transporta o pólen e assim modifica a estrutura enzimática das trevas e depois da luz.

16. Ecos da algazarra

Admiro o poder constituinte da algazarra, da bagunça da turba.

O caos é um atributo revolucionário por excelência, objeto do desejo da prole,

Tal qual o contraditório é o sonho de consumo da realeza.

O tumulto, convertido em cantochão, muitas vezes não consegue ultrapassar as barricadas, mas causa enormes estragos na superfície estruturada da cultura dominante.

Cabe ao ruído levar montanhas até o profeta, embora para isso seja necessário a junção de forças intrínsecas extremas, advindas das entranhas do universo.

O picote pode estourar o saco de risadas, liberando entidades extravagantes, oriundas do excesso de anfetaminas nas veias do criador.

A vírgula pode, ocasionalmente, ser um elemento moderador.

Ao certo, a cola não gruda tripas. Apenas justapõe. Por isso, a fusão digital assume o definitivo papel incorporador.

17. Rabisco é revolução

Prefiro o esboço. O projeto de poder pode ser falseado, mas seu rascunho tem consistência ontológica primal.

O rabisco que vem depois é invasivo por definição. Equivale ao corte.

Ambos deixam o rastro do indivíduo por sobre o pano de ação coletivo das comunidades geradoras.

Muito mais do que o lixo, personifica a essência incremental da recusa, ou melhor da revanche.

18. O contraponto só pode ser obra do diabo

O ponto final deveria não permitir o retoque. Por isso mesmo, o collagismo é tão subversivo.

Reabre despididamente o assunto, expondo a intimidade semântica do cotidiano.

Favorece uma comunicação subcutânea, maravilhosamente desconectada da continuidade.

É o plano do solavanco, do pulo. Portanto, do susto.

A pontuação é substituída pelo soluço.

A quimera empurra goela abaixo o discurso dialético. A estética trava a marcha histórica.

E, talvez, abra assim as janelas para a instauração, enfim, da comuna dos deuses ... ditadura do mito.

19. O vômito informa

Vale muito a pena quando a arte faz engasgar.

O enrosco pode conseguir ser visceral e, então, arrancar o sumo das entranhas, via vômito.

Registrar este fenômeno é desnecessário. Se for forte o suficiente, manchará o teto.

A leitura desta constelações, assim formadas pela expulsão voluntária de ácidos muito pouco graxos, é a difícil ciência, escolhida pelos magos visionários.

O cuidadoso mapa por eles elaborado não é, como esperado, uma bíblia. Parece mais um almanaque. Bem conveniente. Lazer leve para a digestão dos aspirantes ao Olimpo.

20. Tábuas quebradas

O que será que havia mesmo nas tábuas quebradas? Os mesmos e hoje conhecidos mandamentos?

Esta é uma questão crucial para a correta compreensão do papel do humano, enquanto leitor e, por consequência, cumpridor das leis celestiais.

O meu pressuposto é que as coisas não são iguais. Vamos imaginar que ficou apenas o dito pelo não dito, o Senhor temperamental simplesmente rasgou tudo e quis começar de novo.

Não dá para ter a menor noção dos seus motivos. Mas, é totalmente possível recolher do Cosmo os fragmentos do texto original, para tentar reentrar na Abóbada Eterna pela porta dos fundos.

21. Dupla penetração

Não há modo de não ser invasivo, quando o objetivo é uma tremenda arrombada de porta.

Os anéis que nos desculpem, mas não há coisa melhor do que dilatar cada prega, até alcançar as tripas e os miolos e lá depositar os vermes de um novo tempo.

Está é a parte mais aguda da questão – a conquista do Tempo.

O Espaço é mero detalhe, mas a duração parece ser o privilégio das divindades.

Então, é para lá que se deve apontar os foguetes.

22. Ponteiros elásticos

Já que não se consegue efetivamente esticar o tempo, melhor adulterar os ponteiros, transformando-os em pêndulos.

Pela senga lei da bruxaria, o pêndulo não tem vida própria. É conduzido pelo magnetismo das almas, penadas ou não.

No intervalo entre uma oscilação e outra, há um hiato quase catatônico, que pode muito bem ser aproveitado como trampolim para alongar o tempo.

23. O hiato catatônico

O hiato é o transporte global para as esferas celestiais.

Há um parentesco evidente com o soluço dos magos, intervalo citado em todos os escritos antigos.

Trata-se da cerimônia mágica, onde o sopro é finalmente engolido e, desta forma, transmutado em espada de fogo.

É recomendável muito cuidado, para não incorrer no engasgo, o qual pode ser fatal.

24. Engasgo reverso

Quando a sensação de sufocamento for quase insuportável, basta mergulhar os dedos goela abaixo, até pegar a alma e virar tudo rapidamente ao avesso.

O avesso da alma é incompatível com o nosso universo, então o próprio conteúdo dinâmico da vida, corrige o lapso, provocando uma forte corrente de reversão, formada pela antívida.

Tudo isso funciona como uma alucinógeno na cabeça do pobre cuco, regedor dos instantes.

Sem saber que entra ou se sai, enrosca e eis aí a oportunidade.

25. O cuco enroscado

Sem a sinalização esperada, algum dos deuses vai acabar colocando o nariz para fora, tentando ver qual é o problema.

Pronto!!! Vamos agarrar com toda força e torcer para o lado esquerdo, que é o fraco deles. Se girar para o outro lado, será um desastre: acionará os fechos herméticos da Eternidade e todo trabalho estará perdido.

Mas, quando tudo é bem feito – a pança gorda do Criador destrava o mecanismo quântico e ondas sucessivas de Eternidade escorrem pelas bordas das suas bochechas rosadas, totalmente disponíveis a todos os malucos que nela quiserem surfar.

